

# A RAIVA QUE ME MOVE

Bianca Moniche<sup>1</sup>

## RESUMO

Ao longo deste breve ensaio, discorro sobre minha relação com a raiva e as potencialidades desse sentimento para a construção de alianças entre mulheres a partir das semelhanças e diferenças entre suas experiências. O trabalho surgiu como uma reflexão proposta pelo Imuê - Instituto Mulheres e Economia por meio do edital para bolsista do projeto de extensão “Ecossistemas de Financiamento” e tem como inspiração o texto “Os usos da raiva: as mulheres reagem ao racismo”, da escritora Audre Lorde, apresentado na National Women’s Studies Association Conference, em 1981.

**Palavras-chave:** Raiva; Audre Lorde; Alianças; Mulheres; Feminismo.

A cada linha lida do texto de Audre Lorde, a performance de Naruna do poema *Da Paz* ia tomando forma na minha mente. “A Paz é muito branca. A Paz é pálida. A Paz precisa de sangue”<sup>2</sup>. Tenho medo da Paz, a Paz com “P” maiúsculo, a Paz que rejeita a raiva. A Paz dos Homens bons... Ah! Eu rio dessa Paz que silencia, que homogeniza, que nega a diferença. Eu desprezo essa Paz que mata.

Não é pelo ritmo “*good vibes*”, nem pela “*gratidão*” que me levanto todos os dias. Não é o amor cristão que me conforta nem a promessa do paraíso. É o toque ritmado do coração apertado, é a espuma que se forma em minha boca e a respiração cortada que me arde os pulmões. É o medo e a cólera, gêmeos em mim, que já nem sei quando nasceram.

É a raiva que me move! É a raiva que, até os 14 anos, eu direcionava a mim, ao meu corpo, à minha voz que tendia a aumentar nas horas erradas e à indignação, sempre crescente e na iminência de erupção. Cada pedacinho de mim parecia tremer e temer o tempo todo. De onde vinha todo aquele sentimento? Como contê-lo? Seria a fúria um retrato de tudo aquilo que me fazia diferente daqueles ao meu redor? Seria a ira a expressão de todas as ausências que me compunham, de tudo aquilo que eu desejava ser?

Aos 15, me movi pela raiva que não era minha. Foi atuando no papel de Joana<sup>3</sup>, a Medéia carioca, que comecei a compreender a face produtiva desse sentimento que é negado a certos corpos. Ao que me parecia, era da raiva que emergia a mudança, era ela o único sentimento que informava diferenças e externalizava algo ainda não nomeado: o abismo entre um *Eles* e um *Nós* que eu ainda não compreendia.

<sup>1</sup> Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos. Atualmente é membro do grupo de pesquisa Sociologia e Estudos da Diáspora Africana, vinculado ao Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de São Carlos (NEAB/UFSCar). E-mail: bianca.moniche@gmail.com.

<sup>2</sup> A poeta Naruna declamou o poema *Da Paz* de Marcelino Freire no programa Manos e Minas. Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XDK64q-H0X0>. Acesso em 25 de abril de 2020.

<sup>3</sup> Joana é a protagonista da obra *Gota d’água*, peça escrita por Chico Buarque em 1975.

Aos 19, ouvi de meus amigos: "você fala bem, mas me dá medo". Calei. Guardei a raiva em uma caixinha da culpa. Talvez nem todos a sentissem como eu, talvez esse sentimento que crescia cada vez mais em mim não fosse o caminho, talvez fosse o sintoma da doença das minhas avós, da minha mãe, o primeiro sinal da loucura que diziam assolá-las.

O tempo passou, conheci outras mulheres chamadas loucas, agressivas, que mostravam suas indignações aos professores, às outras mulheres. Mulheres que rompiam o silêncio com uma raiva admirável e totalmente consciente. Era a beleza de um diálogo que se formava. Era a guerra anunciada contra a morte, os gritos que exigiam lugar, sobrevivência. Quis me juntar a elas. Falar duas vezes mais alto e duas vezes mais forte, se preciso fosse, afinal, eu tinha encontrado um *Nós*, um *Nós* corporificado que se confrontava com um *Eles* sempre sem rosto, um *Eles* onipresente<sup>4</sup>.

Foi nesse *Nós* que encontrei um espaço de pertencimento primeiro, de identificação. Estar lado a lado dessas mulheres era começar um movimento de me libertar de mim mesma, de afirmar e me reconhecer. Enquanto todo o processo do mundo acadêmico me deslocava da dimensão corpo com afirmações como "seja cientista e não ativista" e "mantenha o tom da escrita mais neutro, paixão é pro movimento social"; as mulheres que compunham esse *Nós* me ensinavam sobre um corpo político, sobre me fazer visível e me fazer ouvida. O *Nós* me via e foi a partir disso que passei a r(existir).

Mas o que compartilhamos para que pudéssemos nos ver? E, para além disso, o que nos mantinha ali, agindo e pensando juntas? Por um tempo, acreditei que as dores e sofrimentos que nos forjaram eram o nosso combustível e o nosso elo. Acreditei que nossos corpos se encontravam na dor compartilhada e que o sofrimento impulsionava nossa vontade de transformação. Eu estava errada.

Cada uma do *Nós* trazia uma experiência de dor completamente distinta da outra, nossas conexões não se modelavam na percepção de um martírio partilhado, mantínhamo-nos como outras, sem anularmos nossas diferenças. Não era a dor o nosso elo, nosso ponto de aderência. Havia de ser uma outra coisa. A dor e sofrimento são condições que nos paralisam, como seriam então o combustível de tantas mulheres? Percebo que o *Eles* contra o qual nos posicionamos nos quer nesse lugar de agonia e inércia, com o ódio que nos direcionam, a cada vida que nos tiram, esperam que fiquemos ali, paralisadas na dor, imersas no sofrimento, definidas por nossas cicatrizes.

---

<sup>4</sup> Nesse ponto, insiro-me brevemente na discussão proposta pela filósofa Donna Haraway (1995) sobre a objetividade feminista e a oposição entre o "eles" por trás de um saber com viés masculinista e o "nós" composto pelas pessoas outras marcadas pelo corpo.

Não, essas mazelas não nos definem<sup>5</sup>, esses também não eram os catalisadores dos gritos que saíam de nossos lábios e das palavras que cortam como navalhas em cada linha de nossos textos. Era a raiva. A minha e a de cada uma delas. Raivas que, ora ou outra, se entreolharam sem receios, sem o medo da culpa. Raivas distintas, mas que juntas produziam o efeito transformador das infinitas possibilidades.

Com essas mulheres, aprendo e reaprendo o que Audre Lorde parece nos dizer desde a década de 1980: que o medo da raiva não vai ensinar nada a você<sup>6</sup>. Aprendo que jogar os jogos de poder pelas regras d*Eles*, negar nossas corporeidades e todo o sentir que dizem fugir à razão é correr em direção a uma humanidade que não nos serve. Com elas vejo as potencialidades da ira enfrentada sem rejeição, sem culpa, o impulso criativo de vida que nada tem a ver com o ódio e os impulsos de morte e destruição. Vi a raiva construindo laços, marcando diferenças e forjando alianças.

Tenho me esforçado para compreender que a fúria da minha companheira, mesmo que me seja estranha e possa causar a dor de me ver como cúmplice das ações que a oprimem, ensina-me mais sobre as relações entre nossos mundos, sobre nossas semelhanças e diferenças dentro dos jogos de poder, que os livros presos das prateleiras da biblioteca. É essa transparência e honestidade na relação que nos auxilia no encontro real, no entrelaçamento de forças e na distinção entre amigos e inimigos. É por meio dessa vulnerabilidade desnudada, do choque e da compreensão, que a abordagem feminista supera as desconfianças projetadas entre *Nós*.

Hoje, percebo também que as definições de *Nós* e *Eles*, que me pareciam tão óbvias aos 19 anos, são cada vez mais turvas. O *Nós* é plural, distinto, desloca-se rompendo tempos e espaços. Percebo que há raiva no *Nós*, há poder, há quem queira a Paz, quem reivindique a humanidade dela. Há quem evidencie a parte excludente dessa idealização do humano.

Vejo agora que movimentos contra opressões, sejam eles quais forem, são levados a olharem para a raiva, a que os molda e a que se choca com suas premissas. E que, olhando para ela, dançando com ela, as diferenças podem ser levadas a sério e as conexões produtivas podem ser possíveis para as transformações necessárias.

Hoje, reivindica-se a raiva, a animalidade da qual certos sujeitos foram acusados. Eu a reivindico, moldo-me e remoldo-me com a minha e com as que se direcionam a mim. Livro-me da culpa, mas assumo responsabilidades (ao menos tento). Faço-me um corpo que

---

<sup>5</sup> O trecho tem por referência a música *AmarElo*, composta por Antonio Carlos Belchior / Eduardo Dos Santos Balbino / Felipe Adorno Vassao / Leandro Roque De Oliveira e interpretada por Emicida, Majur e Pablo Vittar.

<sup>6</sup> “Meu medo da raiva não me ensinou nada. O seu medo dessa raiva também não vai ensinar nada a você” (LORDE, 2019, p.155)

se permite ser corpo, que escolhe ser corpo e se sentir corpo, capaz de questionar, enraivecer, reagir e transformar<sup>7</sup>. Talvez seja isso, talvez seja sobre isso que aquela mulher lésbica de cor estivesse falando já no século passado.

## REFERÊNCIAS

EMICIDA. AmarElo. **YouTube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PTDgP3BDPIU>. Acesso em: 20 de out. 2020.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EdUfba, 2008

HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos pagu** (5) 1995: pp. 07-41.

LORDE, Audre. Os usos da raiva: as mulheres reagem ao racismo. In: **Irmã Outsider**. 1ª ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2019 [1984].

MANOS E MINAS. Poete: Naruna. **YouTube**. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=XDK64q-H0X0>. Acesso em: 25 abr. 2020.

---

<sup>7</sup> Nesse trecho, tenho como referência o pensamento de Franz Fanon (2008) e a discussão de um novo humanismo a partir da afirmação e reconhecimento do corpo colonizado.